

FICHA TÉCNICA

Director — MANUEL AMORIM

Coordenador — MANUEL LOPES

Propriedade — CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM

Composição e Impressão — TIPOGRAFIA CAMÕES

Tiragem — 1000 EXEMPLARES

Dep. Legal Nº 35703/90

ISSN - 0870-4589

Edição — Dezembro 1997

Redacção/Distribuição — BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ROCHA PEIXOTO" DA PÓVOA DE VARZIM
4490 PÓVOA DE VARZIM

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores.

Toda a colaboração é solicitada.

O Boletim Cultural "Póvoa de Varzim" aceita permuta e/ou colaboração com outras publicações nacionais ou estrangeiras.

CAPA: *AVENIDA DAS DESCOBERTAS* — Arranjos Urbanísticos (1994-1998).
Fotografia de *Américo Gomes* (1998).

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR
MANUEL AMORIM

VOL. XXXIII

Anos 1996-97

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

de Bilros de António Graça e nas que a continuaram, da D. Aurora Cândida Flores, quer na Fábrica de Alexandre Flores, quer ainda nas mestrinhas ou com outras rendilheiras, fora de casa ou em casa.

No próximo artigo daremos, pois, conhecimento do levantamento por mim feito.

(Continua)

RAÇA DE ÓDIOS E ÓDIOS DE RAÇAS EM FRANCISCO GOMES DE AMORIM

por COSTA CARVALHO

Luís Guimarães estava em Lisboa, quando, no dia 6 de Novembro de 1886, escreveu esta carta: "Ilmo. e Exmo. Senhor, e meu Mestre: Beijo as mãos de V. Excia. pela carta que se dignou escrever-me acusando a recepção do volume de meus versos. Eu pretendia ir agradecer-lhe de viva voz, o que farei logo que me seja possível. Admiro-o pela erudição, pelo talento e pelo character. V. Ex^a é o eminente representante d'um grupo heroico de espiritos que teem desaparecido, pouco a pouco, levando consigo o segredo dos altos empreendimentos litterarios e das mais superiores manifestações da Arte.

"Nenhum escriptor estrangeiro descreveu as cousas do meu paiz como V. Excia o fez; e com que brilhantismo!

"Tenho aplaudido os seus vibrantes dramas; tenho devorado as suas magistraes paginas poeticas; tenho lido com admiração a sua obra, digno monumento elevado à memoria immortal de Garrett. Tenho a honra, pois de o saudar como o discipulo ao mestre.

"Na lisongeira esperança de, em breve, apresentar a V. Excia. as homenagens do meu respeito, subscrêvo-me, com os sentimentos da mais sentida consideração. De V. Excia. obscuro discipulo, servo e grato admirador — Luis Guimarães".

O poeta brasileiro diz-se um "obscuro discipulo" de um não menos "obscuro mestre" — Francisco Gomes de Amorim, que assim se chamava o destinatário da carta remetida por Luís Guimarães.

E quem é esse Francisco Gomes de Amorim, também umas vezes João Fernandes, outras, Hoffmann, e, mais raramente, Fiera Mosca?

"Eu sou, meu Senhor, apesar de todas as minhas prosápias, um simples operário. O que quer dizer que trabalho. Trabalho por precisão dia e noite. Sou palerma por índole".

Dêmos a "obscuro" uma das significações que ao adjectivo foi atribuída por Cícero: pouco conhecido, apagado. Num país onde abundam,

ciclicamente, os “príncipes das letras”, a autoridade literária tende para uma ambliopia, para um processo confundidor do que, realmente, possa ser prógono ou epígono, autor ou escritor. Camilo afirmou que essa imprecisão do que pudesse ser obscuro ou brilhante se devia em parte ao facto de cada jornal ter “uma célula em que fervilha um recheio de ignorância hostil à autoridade. Destas fermentações fumegam os eflúvios que, um dia, incensaram Teófilo e, noutro dia, Guerra Junqueiro”.

Mais contundente é a verrina de Francisco Gomes de Amorim, em carta, de 1881, a Abílio Augusto da Fonseca Pinto: *“Você ignora por ventura o que é hoje a imprensa de Lisboa? Pois se o não sabe, eu lho digo em duas palavras. É, raríssimas excepções, valhacouto de insignificantes, que exploram o ofício por todos os meios que lhe possam render dinheiro, influência ou qualquer outra coisa útil. Como todos os meios servem, ninguém honesto os estima, não quer nada com eles, e afasta-se, deixando-lhes o caminho livre. A maioria compõe-se de asnos e maus; só eles são grandes e ilustres; fazem-se mutuamente imortais; e os que vivem fora das suas cortes podem ter talento, produzir bem e muito, que os jornais não se ocupam deles. A imprensa não serve, geralmente, senão para os pulhas se celebrarem e aplaudirem uns aos outros, explorando a patifaria e a decadência dos costumes, sem pudor e sem honra”*.

Regressemos à palavra “obscuro”, agora para lhe atribuímos a significação que aparece nas “Cartas Familiares” de Cícero, quando adjectivando ódio: *obscurum odium* (ódio entranhado). A epistolografia romântica não se confinou a confissões subjectivas de sentimentos ou estados de alma, pois prestou-se, tantas vezes, como diz Andréa Rocha, à “solicitação imediata da admiração, da amizade ou da afronta” que “solta a pena mais perra, e revela dotes literários em quem menos se esperava”.

Ainda que Francisco Gomes de Amorim se apresente com primícias poéticas como tendo sido feitas aos 15 anos de idade, quando, na foz do rio Negro, compôs “O Desterrado”, e, no rio Amazonas, “A Madrugada”, ambas datadas de 1842 e reunidas nos “Cantos Matutinos”, de 1858, a verdade é que são as cartas, enviadas do Pará, e não produções literárias, que levam Almeida Garrett a responder e a concluir “que me enterneceu deveras a pintura dos seus padecimentos. Em que porém e como poderei eu aliviá-los? Se V. S^a estivesse aqui ou se para aqui se regressasse, eu faria quanto em minha mão estivesse para melhorar a sorte de um patricio que me parece digno de toda a estima”.

Essas cartas de Francisco Gomes de Amorim, não apenas com interesse biográfico, só não são pretensamente emotivas e lamurientas,

porque, na verdade, estavam nelas as agruras de um mancebo feito aprendiz de selvagem em *“sete anos da mais horrorosa servidão depois de ter andado trez pelo centro dos matos passando extremas fomes sofrendo injurias que o mais abjecto escravo se ofenderia de sofrer”*. Por isso é que implora a Garrett que o mande buscar *“para vossa companhia pois por bem feliz me darei, se chego a ser hum dos mais obscuros servos do illustre author do Poema Camois”*, propósito esse reforçado na carta de 27 de Julho de 1845: *“... se vos condoerdes mandar me heis ir para lá: tenho dezoito anos, poderei ser o minimo dos vossos criados, apezar que o meo maior dezejo era instruirme, mas servindo-vos será a mesma coiza”*.

Sem dúvida que estas cartas para Garrett em circunstância alguma deixam antever o mérito “desta importante personalidade das letras românticas”, como recentemente escreveu José de Oliveira Barata, e que viria a corresponder-se, entre muitos outros, com Ramon de Campoamor, Ferdinand Denis, Renan, Camilo Castelo Branco, Alexandre Dumas Filho, Gonçalves Dias, Luís Guimarães, Castilho, Herculano e o próprio Garrett. Uma correspondência vastíssima, dispersada, senão em parte perdida, e que, no manuscrito **“Datas de família, e lembranças acerca de meus filhos”**, Francisco Gomes de Amorim diz que “devem dar dois volumes”, depois de excluídas da divulgação, pedida aos filhos, *“as que declaro que não se publiquem”*. Porquê, por exemplo? Pelo resguardo do que tinha por mais íntimo e indevassável, como o seu casamento: *“Ah! Meu querido poeta, quem sabe o que eu fiz e se iria buscar a felicidade ou a desgraça, deixando aquella vida independente e nómada, que vivi tantos anos! Quem sabe? Até hoje vivo contente, mas... Amanhã quem sabe o que será de toda a esperança e de toda a alegria da véspera?! Se os risos de hoje não serão convertidos em lágrimas amargas, e se a alma que se banha ao sol resplandecente do amor não se cobrirá de lucto?!”*.

Gustave Flaubert, numa das suas múltiplas cartas, escreveu: *“Pintarás o vinho, as mulheres, a glória, com a condição, meu bom amigo, de nunca seres borracho, nem marido, nem amante, nem soldado. Misturado com a vida, custa distingui-la, sofre-se e goza-se em demasia. O artista, em minha opinião, é uma monstruosidade, algo alheio à natureza”*.

Uma monstruosidade que tende à destrutibilidade, o mais temido por Francisco Gomes de Amorim, pois *“estou preso em casa, [pelo] que tenho de tratar tudo por cartas e que há muita gente malcriada neste mundo, sobretudo quando se trata com pessoa que não lhe promete algum interesse, como eu não prometo”*.

A análise do problema da destrutibilidade impõe a distinção de duas formas de ódio: o ódio racional e o ódio irracional. Para Erich Fromm, o ódio racional é a "reacção de uma pessoa a qualquer ameaça contra a sua vida, a sua liberdade ou os seus ideais; o ódio irracional é um traço de carácter, uma constante disposição para odiar, uma tendência latente na pessoa que é hostil e não uma reacção hostil em face de estímulo exterior".

Se no Português há palavras em que abundam os jogos de prestidigitação, **ódio** é uma delas, tal o número de disfarces com que encobre actos ameaçadores ou cruéis com a finalidade de constrangir ou eliminar alguém. Asco, rancor, antipatia, repulsão, horror, aversão, repugnância, o ódio é de algum modo um reflexo dos padrões culturais, joguete da organização social. "O povo português — escreveu Unamuno — tem, como o galego, fama de ser um povo sofrido e resignado, que aguenta tudo sem protestar mais que passivamente. E, apesar disso, com povos tais há que andar com cuidado. A ira mais terrível é a dos mansos".

O ódio lusitano é uma espécie de pororoca, tal como a descreveu Francisco Gomes de Amorim: *"Em outros lugares, e em certas ocasiões, não se interrompe a calmaria; não há névoas, nem vento, nem nuvens. É noite; está a terra inundada de luz suave e pura; a superfície do rio, imóvel, como se houvera sido tocada por vara mágica! Ouve-se ao longe um trovão medonho, como o rebentar de peça artilharia; uma vaga imensa, um rolo de muitos metros de espuma, sobe, fervendo e rugindo, pelo rio acima, levando consigo tudo quanto encontra, espedaçando as maiores embarcações, que não se acautelaram a tempo, arrancando árvores seculares num ponto e cravando-as noutra com as raízes para o ar, fazendo e desfazendo ilhas, e conduzindo pavor e a morte até às portas das povoações"*.

Em Portugal, a primeira metade do século XIX foi toda ela de convulsões, intrigas, ódios, vinganças e revoltas. Francisco Gomes de Amorim nasceu num tal berço, fortemente agitado também pelas dissensões familiares, quer por causa de intolerâncias partidárias quer por via do casamento, contrariado, dos pais. Aos 10 anos, emigrou, indocumentado, para o Pará, com uma substancial carga de ódio à miséria que o obrigava a estender a mão à caridade. O pai teria morrido no mar, em viagem da Baía para Lisboa. Vendido no Pará como escravo, foi apanhar, no Amazonas, os medos aos últimos cabanos; teve de suportar o ódio dos

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL
DAS SCIENCIAS DE LISBOA, CONSERVADOR DA BIBLIOTHECA
E MUSEU NAVAL

ODIO DE RAÇA

**LISBOA**

TYP. UNIVERSAL DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
Rua dos Calafates, 110

1869

Rosto do livro «Ódio de Raça»

tapuios ao "patrão Chico", ao "senhor Francisco", um capataz cariba com apenas 13 anos; em todo o tempo, sofreu as brutalidades de patrões, sobretudo dos portugueses, como um tal ferocíssimo Carmelo. Regressa a Portugal em 1846, ao tempo da Patuleia, "molha também a sopa" na revolução, e, "escritor medíocre, mas amigo leal que nunca houve", vai para Lisboa e entra no círculo dos ódios que desabam sobre quem passaria a ser mestre, protector e amigo — Almeida Garrett.

Francisco Gomes de Amorim, dois anos após a morte de Garrett, e como resultado do seu labor de "poeta-operário" e da servil dedicação ao mestre, sofre uma lesão cerebral que o remete, até à morte, em 1891, para a reclusão no lar.

Mas foi em todas essas vicissitudes que aprendeu a ser tolerante, universal, depois de passar, primeiro, e com raiva incontida, pelo tempero dos apodos com que os brasileiros mimoseavam os portugueses:

*Marinheiro pé-de-chumbo
Calcanhar de frigideira
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira?*

Ainda assim, faria sempre questão de afirmar: "O homem que isto escreve é um amigo sincero e reconhecido do Brasil; durante muitos anos lhe regou com suor de sangue o seio das suas florestas, e não trouxe de lá senão saudades, e o pesar, que ainda conserva, de reconhecer que os naturais nem sempre apreciam o amor que temos por eles e pela sua terra... Devo declarar que assim como uma grande parte dos brasileiros não encobrem a aversão que têm aos seus irmãos de além-mar, há alguns que nos agasalham com afecto verdadeiramente fraternal; mas, infelizmente, é o menor número".

E se Gomes de Amorim por vezes zurze alguém, é sobre os endófobos, é sobre os patrões portugueses que ele deixa cair impiedosa a manípula, "tão bárbaros para com os seus jovens caixeiros, filhos de Portugal". O bode-expiatório ajuda, na vingança diferida, à digestão do ódio entranhado. "O homem ignorante é sempre despótico". E, além disso, um ronhento, um crápula, um "Pancrácio Longuinhas".

Será o respeito pela dignidade e pela intocabilidade do índio a luta estrénuo pela abolição definitiva da escravatura, o ódio aos engajadores, o asco aos negreiros, o atenuar de gravames nas relações entre o Brasil e Portugal, o que Gomes de Amorim acaba por convocar para o essencial da sua obra, num "aqui" e num "lá" que não deixará de interessar, também, à literatura etnográfica.

"Quando a civilização tiver destruído todas as preocupações que ainda impedem a igualdade proclamada pelo Evangelho, não haverá mais ódios de raças, nem desprezos imerecidos. Confiemos que esse tempo chegará, cedo ou tarde...".

Verdade que, nem sempre despojado de marcas europeias indeléveis, acorrenta injustamente o mulato ao opróbrio da indignidade, da traição, mas certamente com o intuito de fazer o castigo seguir de perto o crime, "depois que vi muitas vezes arrancarem os filhos dos peitos das mães africanas, para os vender a um senhor distante, e elas, embrutecidas pela escravidão, não choravam; vi os homens venderem as mulheres de quem tinham tido filhos e pôr em leilão os filhos que tiveram dessas escravas, sem a menor demonstração de sentimento".

Diz o escravo mulato Domingos ao seu dono, Roberto:

"— Sou cabra porque tu me fizeste; porque vives com as tuas pretas, para acrescentares o número dos teus escravos. Sou filho da preta Maria, sou teu filho".

Os mulatos não têm raça; isto é, não vêm de boa raça — diz o preto José em "Ódio de Raça". Mas, esclarece Francisco Gomes de Amorim, nas notas ao seu drama, sem de todo se absolver: "Há mulatos que, pela sua educação, inteligência e sentimentos, se têm elevado ao nível dos mais distintos brancos, honrando a terra do seu nascimento, e vingando-se nobremente do revés da sorte que lhes deu tal origem. António Gonçalves Dias, que, segundo o seu ilustre biólogo, sr. dr. António Henriques Leal, tinha nas veias o sangue misturado das três raças — euro-peia, índia e africana —, foi um dos maiores poetas que tem tido o Brasil, e possuía um nobre coração e uma alma elevada. Eu tive-o por amigo íntimo; guardo cartas dele, que ainda não posso ler sem lágrimas, e nunca me esquecerei do estremoso afecto que sempre tivemos um ao outro".

Um afecto que sugere duas vozes para um mesmo canto?

Como são brancas as flores
Deste verde jasminal!
Recorda a sua fragância
Perfumes de um laranja!
Mas têm mais suave aroma
As rosas de Portugal!

São de Machado de Assis estas linhas finais de uma crítica aos "Cantos Matutinos":

"A regra que nos impusemos nestas revistas foi tratar somente das obras brasileiras; os *Cantos Matutinos* entram nesta categoria de obras, por sua origem e por seu carácter. O poeta começou a vida no meio dos nossos costumes, fez-se poeta no meio das nossas matas; mesmo independente desse espirito de universalidade que faz dos poetas cidadãos de todas as línguas e de todos os países, há neste condições especiais que o recomendam especialmente à crítica brasileira. O próprio autor diz algures que tem duas pátrias; e nessa frase resume a história da sua vida. De nossa parte convimos nisto: é que se teve duas pátrias para cantar, tem duas para felicitá-lo".

Depois, duas pátrias para desprezá-lo. Mas, hoje de novo, as duas mesmas pátrias certamente escutando-se, quem sabe se para reabilitá-lo!

AS "DUAS JÚLIAS" DE GOMES DE AMORIM

No 106º aniversário da morte do escritor

Quantos filhos teve, efectivamente, Francisco Gomes de Amorim: seis ou sete? Francisco Vilaberdó Loureiro, bisneto do escritor, informa, na monografia, policopiada, "*Francisco Gomes de Amorim (escritor, poeta e dramaturgo) — Ascendência e descendência — No 1º Centenário da sua morte. Lisboa, 1991*":

Descendência de Francisco Gomes de Amorim

Francisco Gomes de Amorim, romancista, poeta e dramaturgo, conservador do Museu e Biblioteca da Escola Naval. Nasceu a 13.08.1827, em Aver-o-Mar, Concelho e Julgado de Vila do Conde, hoje Concelho da Póvoa de Varzim, e foi baptizado a 15.08.1827. Faleceu a 04.11.1891 na sua residência no Largo do Carmo, nº 5, em Lisboa (junto ao elevador de Santa Justa e Convento do Carmo). Casou com D. Maria Luísa da Silva Barbosa, nascida a 19.08.34 e falecida a 23.09.1919, em Sintra, filha de Manuel Pinheiro da Silva Barbosa e de Claudiana Maria da Soledade.

Filhos

Mariana Barbosa Gomes de Amorim nasceu a 13.07.1858 e faleceu solteira em 1936.

Maria Luísa Barbosa Gomes de Amorim nasceu a 24.08.1859 e faleceu a 28.05.1926.

Sofia Barbosa Gomes de Amorim nasceu a 21.01.1861 e faleceu em 1937.

Margarida Barbosa Gomes de Amorim nasceu a 29.03.1862 e faleceu a 10.07.1923.

Francisco Gomes de Amorim nasceu a 16.04.1863 e faleceu a 01.12.1949.

Júlia Barbosa Gomes de Amorim nasceu a 14.03.1872 e faleceu a 11.01.1927.

G.B., no folhetim do "*Diário Ilustrado*", nº 2.552, de 1880, já escreveu de modo a não deixar dúvidas a Francisco Vilaberdó Loureiro: "*Em 1857 casou o nosso poeta com a exmª D. Maria Luísa da Silva Barboza, filha do sr. Manuel Maria Pinheiro da Silva Barboza, proprietario, hoje (1880) falecido. D'esse consorcio existem cinco filhas e um filho varão, a todos os quais deu larga educação liberal*".

Existem! O modo e o tempo do verbo a suscitarem dúvidas no indicativo, no índice que aponta, que enumera a realidade, mas não o real? O presente, também ele, pode ou não ser constituído por parcelas elidíveis do passado? O que existe não avocará aquilo que possa ter existido? Jesús Gonzalez Requena, inspirando-se em Kant e Jacques Lacan, considera que o real não é transparente mas sim essencialmente opaco e, por isso mesmo, é necessária uma operação que o torne inteligível. *“É aqui que a linguagem desempenha o seu papel fundamental. A inteligibilidade é pois, essencialmente, o resultado de um processo de codificação, de discursivização. Daí, além do mais, a imperiosa necessidade de diferenciar dois planos no que habitualmente denominamos «realidade»: um, que remete para o que nela há de inteligível, de submetido à razão e, portanto, previsível manipulável, comunicável — chamemos-lhe realidade —; outro, que se refere ao que nela há de ininteligível, de imprevisível e ocasional — o real”.*

É nesta fronteira da realidade com o real, tendo, as mais das vezes, por linha divisória a comodidade da imaginação —, que têm convivido as várias, mas não diversas, biografias de Francisco Gomes de Amorim. Um pécadilho a que nem António Xavier Rodrigues Cordeiro, confidente do escritor, conseguiu subtrair-se, no artigo biobibliográfico publicado, em 1893, em “O Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro”:

«O filho, do mesmo nome que o pae, é um moço estimavel, casado com a exm^a sr^a D. Aurelia de La Rocque, senhora d’uma das principais familias do Pará, onde está estabelecido. Este filho veio agora a Lisboa, com a esposa, ver sua mãe e irmãs, acompanhando-as na solidão em que ficaram. As filhas são meninas educadissimas, porque viveram sempre entre livros, e em contacto com o pae, auxiliando-o como secretárias. Trez d’ellas estão casadas — a exm^a sr^a D. Sophia — com o sr. Francisco das Chagas Parreira, 1^o tenente de artilharia; sua irmã a exm^a sr^a D. Margarida com o sr. Carlos Augusto Coelho de Vasconcellos Porto, 1^o tenente d’artilharia; a terceira, a mais nova, a exma sr^a D. Julia, com o sr. visconde de Ferreira de Lima, juiz de direito em Vila Flor. As duas solteiras — são as exm^{as} sr^{as} D. Marianna Gomes d’Amorim e D. Maria Luiza Gomes d’Amorim»

A SEGUNDA JÚLIA

Que Rodrigues Cordeiro foi confidente de Gomes de Amorim, disso não deve haver dúvida. E pode ser aqui provado, com uma carta de Gomes de Amorim, uma das anotadas pelo escritor com um: *“Não se publique por caso algum”.*

Se se não deve pôr em causa a relação de fraternal amizade entre Gomes de Amorim e Rodrigues Cordeiro, pelo mesmo motivo se deverá estranhar que este, a exemplo dos outros biógrafos de Gomes de Amorim, nem ao de leve tenha referido um facto marcante na vida e na obra de Gomes de Amorim: a morte de uma filha — *uma primeira Júlia.*

No entanto, na carta escrita a Abílio Augusto da Fonseca Pinto em 22 de Março de 1872, o escritor desvenda o mistério:

“Agora tive um acontecimento em casa que foi aumentar-se-me a família com uma menina, que nasceu no dia 14 e veio substituir a que perdi em 1870!

Já tinha demais, apesar de chorar ainda pela que então perdi: esta, que se parece em tudo com aquela, foi tomada como uma compensação!, mas bem deve prever que novos incómodos e despesas o sucesso me veio trazer! Eu não só me resigno como até chego a estar contente por ver a criança! Evoluções do espirito humano. Infelizmente, não a poderei ver criada; mas seja o que Deus quiser”.

Valetudinário, gemendo, chorando, e nele próprio vendo a todo o momento a morte, Gomes de Amorim deixou este mundo quando já a segunda Júlia tinha 19 anos de idade. Os seus temores não se confirmariam, por insondável desígnio de Deus, até no simples facto de Ele a ter, misericordicamente, mandado ao mundo:

Duas Julias

*Não posso, ai! Não posso inda
Pensar de olhos enxutos,
Que a tua vida é finda,
E só a dôr dá fructos!*

*Espirito gentil,
Aonde te sumiste,
Sem ver o sol d’abril?*

*Oh! Minha amada filha,
Em que anjo, flor, ou astro,
Teu rosto agora brilha?*

Bem perto estás, talvez,
E sem poder dizer-me
Que na minha alma lês?!

Teu corpo inanimado,
Mais pallido que a cera,
Tambem me foi roubado.

Cantavam (que irrisão!)
Cantavam, e eu chorava
Ao pé do teu caixão!

E surdos aos meus prantos
Lá foram enterrar-te,
Ao som de novos cantos!

Chorei, chorei, chorei,
Até ferir os olhos!...
Mas não te reanimei.

Ai! Dize-me onde existes;
Em que astro estás mudada;
E se inda alegras tristes.

.....
Chegou talvez aos céos
A voz que soluçava,
Pedindo um anjo a Deus...

A mãe, accorda, um dia,
E mostra ao pae — milagre! —
A filha que volvia.

O mesmo riso e olhar,
A mesma ingenua graça,
Precoce e singular!

— Quem és? D'onde vieste?
Não podes ser a mesma,
Que jaz sob o cypreste! —

— Silencio! Deus não quer
Que saibam cá no mundo
Se eu fui anjo ou mulher.

Doeu-lhe a vossa pena,
Mandou que eu regressasse
Da pátria não terrena —.

— Oh! Sol do meu inverno,
És pois a mesma então?! —
— Talvez... Só disse o Eterno
Que eu sou consolação —.

A PRIMEIRA JÚLIA

Não terá faltado quem visse nesta poesia um simples produto da imaginação, um arroubo de fantasia, senão mesmo um exercício de metempsicosista, muito ao gosto dos românticos. Quando tudo não era mais do que o poeta confrontado com a sua própria condição de "Homem de carne e osso", como diria Unamuno. E o que ele sofreu com a perda da primeira Júlia, mais do que na poesia estará, por certo, nas "Dadas de família, e lembranças ácerca de meus filhos.", autógrafo talvez inédito ou, pelo menos, pouco conhecido (como quase toda a obra de Gomes de Amorim), e do qual se transcreve a parte epigrafada "JULIA, 1ª":

"Minha filha Julia nasceu na casa da rua Nova do Carmo nº 69 - 5º andar, no dia de quinta feira 5 de Março (cinco) de 1868, pelas duas horas e vinte e cinco minutos da tarde.

Foi baptisada ao nascer pela parteira por estar em perigo de vida. Baptisou-se solemnemente na Igreja do Sacramento em 13 de Agosto ás 8 horas da manhã, sendo padrinho José Antonio do Eirado, representado por Joaquim José Tasso; e madrinha sua mulher D. Maria da Natividade etc., etc.

Falleceu na mesma casa, onde nasceu, pelas 6 horas da manhã de 4 de Novembro de 1870, deixando-me, e a minha mulher, tão inconsolaveis pela sua perda, que eu chorei-a muitos annos e ainda hoje não posso lembrar-me d'ella sem comoção vivissima.

Era creança interessantissima, de talento tão precoce, que foi o que lhe causou a morte. No dizer dos medicos, faleceu de uma meningite.

Quando Chico vinha do Collegio, este, com pouco mais de sete annos, trazia o cestinho do lunch na mão; e Julia ia esperal-o à porta; tirava-lhe o cesto, e, com uma extraordinaria meiguice, lhe perguntava: "Comeste tudo, Chico? Quererias mais? Não tiveste fome?".

Ao voltarmos das Laranjeiras, onde passamos trez mezes, por causa de uma tosse da Marianna, Julia vinha comigo e com a mãe, na mesma carruagem; e eu por duas vezes a surprehendi de mãos postas, como quem estava a ver mundos differentes do nosso, e com o pensamento, Deos sabe onde! Profundamente impressionado d'aquella attitude, tirei-lhe as mãosinhas da postura em que as tinha. Ella deu um longo suspiro, como se acordasse do sonho. Perguntei-lhe o que tinha, e respondeu-me: "Estava a pensar." Dei-lhe uma bolaxa, para a distrahir. Esqueci-me; e conversei com minha mulher. Momentos depois, Julia estava com as mãos na mesma posição, e o olhar embebido no que só ella via! Toquei no braço da mãe, e aponteilh'a. Ella não via nem ouvia nada! Cada um

de nós lhe agarrou na mãosinha, e assim viemos até Lisboa. Não quiz comer a bolaxa, e vinha de perfeita saude. Tivemos, contudo, um presentimento, ambos o mesmo. E quatro dias depois, aquelle anjo adorado tinha-nos fugido para a região mysteriosa, que entrevira, quando voltavamos da Quinta das Laranjeiras! (1)

Copiando isto de outro livro velho, em Julho de 1887, ainda o não posso fazer sem commoção e saudade profunda!

(1) Foi depositada no tumulo de Joaquim José Alves Chaves. Peço que, se eu fallecer antes de ter mandado fazer um logar, onde repoisem um dia reunidos os restos mortaes de todos os que amei — minha mulher e meus f's. que não tenham constituido familia (porque, comquanto o meu desejo fosse que nos reunissemos todos n'um só logar, esses tem de obedecer à lei que manda a mulher seguir o marido), meu filho, ou aquelles de meus herdeiros que o possam fazer sem sacrificio, comprem um bocado de chão no cemiterio, e reunam alli comigo as cinzas de todos. O meu bom amigo José Ferreira Chaves, que sempre amei como elle merecia, e ao qual não pude dar provas d'isso pela minha pobreza e por elle, felizmente, as não precisar, providenciará, como lhe peço e espero da sua amizade, para que os restos mortaes da minha filha, que está no tumulo de seu tio, se não percam, e, se a mª familia puder, fazer o que aqui lhe rogo, se juntem aos meus.

Cintra, Villa Estephania 1ª de Julho de 1887"

Estas disposições terminam com a seguinte anotação pelo punho do filho Francisco: "Em 18 de Junho de 1930, cumprindo e satisfazendo os desejos de meu pae, foram os restos mortaes de Julia depositados em jazigo conjuntamente com os restos mortaes de meus paes e dos meus dois filhos Franciscos. Francisco Gomes de Amorim".

O tempo de vida da Júlia 1ª correspondeu ao ressurgir de Gomes de Amorim como autor, depois de longos anos de inactividade, por doença. Assim, entre 1868 e 1870, foram publicadas as seguintes obras: "Os incógnitos do mundo", "Os herdeiros do milionário", "Ódio de raça", "Figados de tigre", "A abnegação", "A viúva", "Aleijões sociais", "O casamento e mortalha no céu se talha" e "Viagens pelo interior do Brasil".

Júlia morreu no dia 4 de Novembro de 1870, às 6 horas da manhã; Francisco Gomes de Amorim morreria 21 anos depois, no dia 4 de Novembro de 1891, sensivelmente à mesma hora.

O amor que unira pai e filha em vida teve a sua expressão suprema na morte. E vá lá a gente saber porquê!

TOPONÍMIA DA PÓVOA DE VARZIM

(3.ª actualização a partir de 13 de Janeiro de 1995
e até 26 de Agosto de 1996)

por JORGE BARBOSA

NOTA PRÉVIA

No Boletim Cultural "PÓVOA DE VARZIM", Vol. XXXI — N.ºs 1/2 — 1994, ao publicar uma 2.ª actualização da Toponímia da nossa terra, dei por terminado o meu contributo para este estudo e compilação, tendo então afirmado:

"Ao terminar esta 1.ª actualização toponímica, em 1991 escrevi ainda julgar 'ser este o meu último contributo para o estudo da toponímia poveira', passando assim 'testemunho a outrem que, com mais competência, possa e queira dedicar-se a estes estudos a fim de, futuramente, lhes dar seguimento. (...)'

Porém, contra o que eu esperava, a Divina Providência ainda me permitiu dar uma achega (será a última?) como aditamento a este estudo da nossa toponímia, registando e desenvolvendo mais 27 novos topónimos locais, oficializados desde 13 de Maio de 1992 a 24 de Fevereiro de 1993. É natural que por aqui fique o modesto contributo na actualização deste estudo".

Verifica-se assim que estou a ser bi-reincidente nas faltas ao meu prometimento, mas agora por incitamento de pessoas amigas que a tal me estimulam.

Por motivos óbvios, deverá ser esta a minha última achega neste assunto — às três é de vez — terminando por aqui a minha intervenção nesta matéria.

E, como renitente confesso, espero ser relevado deste novo pecadilho.

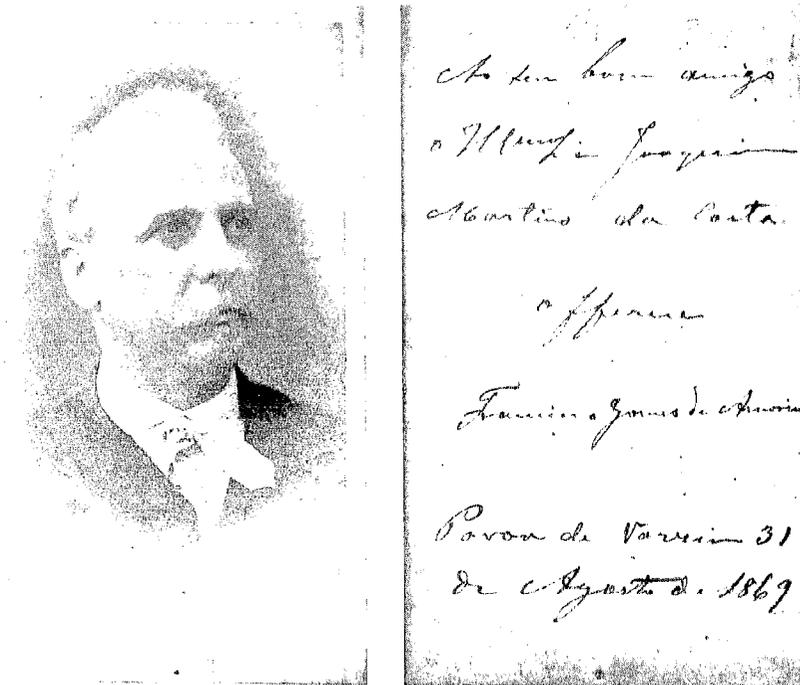


Foto de Francisco Gomes da Amorim, oferecida a Joaquim Martins da Costa, em 31 de Agosto de 1869, data em que o escritor terá estado na Póvoa de Varzim